

MANUSCRITOS



ARTE POÉTICA

Operários metalúrgicos, italianos, camponeses, vegetarianos,
era esta gente que lançava o terror em plenas burguesas. Hoje,
é necessário seguir o seu exemplo:

O daquele, Émile Henry, guilhotinado depois de, às nove da noite,
ter feito explodir um café. 1894,
12 de fevereiro. Ainda disse: "Na guerra declarada à burguesia
não pedimos piedade. Damos a morte, a todos os seus."

O daquele, Ravachol, morto aos 33 anos. Levantara
o povo num 1º de maio.

E ainda o daquele, o italiano Caserio, que apunhalou
o presidente Carnot.

E lembre, no princípio do século, João Berges e José de Valle
fabricando bombas. Vigados embora pela polícia, trabalhavam. João
Berges, por exemplo, dizia "Vou dormir" e saía do café, debaixo do braço
a caixa de ferramentas, em direcção à oficina. A loja carbonária
"obreiros de futuro" pertenciam então a Heliodoro Selgado,
José Rebelo, Júlio Dias, Sebastião Eugénio, e outros
democratas de alcântara - os seus fundadores, por volta
de 1897. Frequentou-o o professor Bettencourt
morte num acidente - um engenho que explodiu. Também
o médico Lopes, pelo mesmo motivo, veio a morrer; e Aquilino
ribeiro, preso, fugiria para o estrangeiro.

Foi, por essa época, o operário José Nunes quem, amargurado
embora pela doença e outros desgostos, agitou o povo com
conferências. Não pertencendo à carbonária, a agremiação republicana,
o grupo intervencionista, ou a qualquer partido,
fazia bombas por convicção - porque era um anarquista. Atacou,
em 1910, os padres e os jesuítas, na companhia dos actores
revolucionários Vieira Marques
e Virgílio de Sá. Fabricou uma bomba de gases deletéreas. E,
ligado aos carbonários, aparece na preparação
da revolta triunfante, o 5 de outubro.

Faz-se uma bomba, ^{por exemplo,} com uma pequena caixa de metal. Põe-se,
sobre uma folha de chumbo, a pólvora ou material explosivo,
comprimido com ajuda de cartão e terra, perfura-se
a tampa da caixa com um pequeno rastilho. E, lançada,
a sua acção é eficiente e temível. Feita e usada sem muito risco
podem-se empregar, por exemplo, os recipientes de rolos fotográficos - os quais
fácilmente se escandem na máquina, dentro da
própria máquina, ou em qualquer carteira.

E o movimento prosseguirá alargando, de instante
para instante, a sua área de preparação demolidora.

em fim de setembro, 1968

"Arte Poética", poema inédito de Nuno Júdice, Setembro de 1968, s/l.
[papel dactilografado com rasuras do autor].

MARINHA

Eu vira uma ascensão de números,vermelhos,
num fim de semana na praia: eles subiam,como caranguejos,
fazendo furos nos dorsos de luminosos escaravelhos.
E a minha alma torcia-se ao vê-los: música de realejos
cegos inundava-me de infância,o rio trazia-me a história
do coelho na sua toca,lida numa gare fluvial
- e em vão enxotava de mim,como incómodo insecto,a memória,
esse esquecido resto de um episódio matinal.
- Agora,o sol incomodava-me.Punha-me à sombra,
pensando em tomar um café.Estou a meio da manhã.Não sei que ler.
Deixei em casa um romance de um autor inglês
que a minha imaginação,num furor gótico,ensombra;
e à minha frente há gente a fazer vela,anónimos
seguram-se ao leme,não precisando de escrever.Olho o céu:e lá
vejo,novamente,sinistros números,aparições matemáticas
num piano:

1087

Deixei de saber o que isto é - tumor de asas num enxame de aves,
estertor de peixes no cesto do calç, a queixa da mulher
a quem roubaram a carteira, à minha frente,num balcão do café.
Fecho tudo : o livro,o jornal,o resto da imaginação : e
tanto se me dá.Não discuto política neste meio de mês; nem
quero saber da desgraça logo ali,na primeira página da vida
que me põem à frente.Estou a leste
- sem notícias da peste.

~~(E agora eu sei que não vale a pena saber...
quando remorados em estes anos...
pescavam por abaloi de um e...~~

março de 83

“Marinha”, poema inédito de Nuno Júdice, Março de 1983, s/1.
[técnica mista - papel dactilografado s/ colagem, com rasuras do autor].

